

Ser bibliotecário em tempo de COVID-19

Being a librarian in COVID-19 time

Paula Saraiva

Doutorada em Ciências da Informação. Lic. História FLUL; Coordenadora Principal do Centro de Gestão de Informação e Conhecimento, GHTM, Instituto de Higiene e Medicina Tropical, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Resumo

Ser bibliotecário em tempo de COVID-19 constitui uma oportunidade única de aplicar competências adquiridas em novos ambientes e serviços que em período de isolamento social transformam bibliotecas físicas em digitais. Numa época de crise pandémica, o combate à desinformação, o apoio à decisão, na literacia digital e a oferta de coleções digitais são algumas linhas de atuação do profissional de informação, que, aliadas às competências digitais, são fundamentais para que as bibliotecas possam reajustar e adaptar procedimentos, prestando aos cidadãos e à comunidade académica serviços de qualidade e de inovação em novas áreas de atuação como o apoio aos serviços de telemedicina ou a participação em equipas de projetos multidisciplinares.

Palavras-chave:

Bibliotecas – COVID-19, competências digitais, intervenção multidisciplinar, apoio à decisão, apoio à telemedicina.

Abstract

Being a librarian in COVID-19 time is a unique opportunity to apply acquired skills in new environments and services that in social isolation period transform physical spaces into digital libraries.

In a time of the pandemic crisis, the fight against disinformation, decision support, digital literacy and the offer of digital collections are some action points for the information professionals. Those allied to digital skills are fundamental for libraries to readjust and adapt procedures and providing citizens and the academic community quality and innovation services in new areas of activity such as support to telemedicine services or participation in multidisciplinary project teams.

Key words:

Libraries – COVID-19, digital skills, multidisciplinary intervention, decision support, telemedicine support.

Introdução

A humanidade tem vivenciado por períodos cíclicos o aparecimento de ameaças pandémicas que colocam em causa o seu equilíbrio, o bem estar social e a economia mundial conduzindo a épocas de fragilidade económica e social em que as equipas de saúde pública são chamadas a intervir quer na área assistencial e de políticas de saúde, quer no domínio da investigação para encontrar soluções que consigam mitigar as crises e conduzir ao fim da ameaça.

Exemplo de ciclicidade que ficou para sempre presente na memória dos povos, foram as sucessivas pandemias de peste bubónica ou “peste negra” cuja primeira aparição ocorreu no século XIV (c. de 1347), regressou no século XVI e teve uma terceira vaga no séc. XIX. Outras mais, também se manifestaram como a cólera, a febre amarela, a tuberculose, o tifo, a varíola e a “gripe espanhola” ou pneumónica em 1918, responsável pela morte de mais de 50 milhões de indivíduos [1]. Todas elas, deixaram as populações vulneráveis e fragilizadas perante estados em declínio económico. Porém, o ser humano possui uma capacidade de resiliência e sobrevivência em momentos particulares de crise, sobretudo as pandémicas, que o impele a organizar-se e a reagir perante a adversidade, a criar parcerias, a procurar novas soluções e retornar ao equilíbrio, à normalidade. Foi assim no tempo de Pasteur, Koch, Jenner, Ricardo Jorge. A investigação a seu tempo e no devido tempo, produziu os resultados para que o equilíbrio fosse restaurado e um novo ciclo fosse iniciado.

Em pleno século XXI e no ano de 2020, muitas são ainda as doenças endémicas e negligenciadas que afetam o mundo (malária, dengue, febre amarela, leishmaniose), e para as quais se procura solução no âmbito dos ODS da Agenda 2030 [2], porém a rapidez com que eclodiu e avançou à escala mundial a pandemia COVID-19, bem como as causas da sua origem, foi algo que não se perspetivava no imediato. Lidar com o desconhecido, no combate a uma crise de saúde galopante, conduziu a uma rápida proliferação de literatura científica e dados científicos para partilha de experiências, absolutamente necessária à medida que a pandemia se globalizou. Andersen et al. no eclodir da pandemia abordaram a necessidade de circulação de maior número de dados científicos para se chegarem a novas soluções: *“More scientific data could swing the balance of evidence to favor one hypothesis over another. Obtaining related viral sequences*

from animal sources would be the most definitive way of revealing viral origins. For example, a future observation of an intermediate or fully formed polybasic cleavage site in a SARS-CoV-2-like virus from animals would lend even further support to the natural-selection hypotheses. It would also be helpful to obtain more genetic and functional data about SARSCoV-2, including animal studies [3]”.

Adhanom Tedros, Director Geral da Organização Mundial de Saúde, a 13 de abril de 2020, prevê o início de um longo caminho de avanços e recuos em busca de uma solução, da melhor estratégia e sobretudo de uma cura para todos, referindo: *“This is a new virus, and the first pandemic caused by a coronavirus. We’re all learning all the time and adjusting our strategy, based on the latest available evidence. We can only say what we know, and we can only act on what we know”* [4]. Foi esta consciência dos organismos decisores a nível mundial de que se estava perante um surto pandémico à escala global para o qual ninguém estava preparado, que conduziu a uma reorganização nas instituições em todos os sectores da sociedade. Criaram-se planos de contingência, novas rotinas, novos hábitos onde as tecnologias, o digital e a telemedicina, assumiram rapidamente e sem tempo para consolidar aprendizagens, um papel preponderante para dar continuidade à “normalidade” social resguardando assim o necessário distanciamento social preventivo para a saúde pública dos indivíduos. Uma janela de oportunidades estava mais uma vez aberta para a intervenção dos bibliotecários e naquilo que sempre souberam fazer melhor dentro das suas competências: o apoio à decisão.

Entrámos assim, na era tecnológica, num tempo em que não se recebem amigos em casa, mas o portátil passou a ser a melhor companhia, em longas horas de teletrabalho em Skype, Zoom, Moocs, Moodle, videoconferências e outras tantos serviços públicos, apenas disponíveis online no nosso dia a dia, sem distinguir as camadas etárias populacionais, níveis de literacia informática e digital ou simplesmente inexistência dos equipamentos necessários nos lares dos indivíduos, o que causou tantas vezes desigualdade social, nesta nova sociedade à distância criada pela crise COVID-19.

Beaunoyer et al. menciona que o desafio está em mitigar estas desigualdades através de projetos multidisciplinares que envolvam vários organismos entre eles estruturas de investigação e universitárias: *“In light of the challenges complexity that digital inequalities represent for the resilience of the population to CO-*

VID-19, mitigation strategies need to be implemented. These strategies will aim at mitigating both the impacts of the COVID-19 crisis on digital inequalities and the digital inequalities impacts on COVID-19 vulnerability. These strategies will necessarily be multi-layered and need to take into account several levels of decision: governmental, organizational, community, and individual, in partnership with research and higher education structures [5].

Bibliotecário em tempo de COVID-19: novos tempos, velhas competências

Num estado geral de pandemia com o encerramento físico das instituições e recurso ao teletrabalho, como reinventar serviços com as tecnologias existentes? E nas bibliotecas? Como foi continuar a ser bibliotecário em tempo de COVID-19?

De entre as competências reconhecidas aos bibliotecários, em especial na área académica e da saúde, as literacias digitais são uma das suas mais valias, bem como a apetência para lidar com recursos eletrónicos e produtos digitais.

O desafio do teletrabalho e a comunicação com os utilizadores à distância, constituiu para os bibliotecários, de um modo geral, uma transição pacífica, com alguns reajustes e com resultados na sua maioria positivos para as grandes e pequenas bibliotecas, dependendo a adaptação e a oferta dos serviços, de condicionantes que não dependiam tanto das suas competências profissionais, mas de condicionantes externos, como por exemplo, o orçamento disponível para acesso a coleções online e melhores ou piores infraestruturas informáticas institucionais de que dispunham (por exemplo bom acesso às redes VPN e outros).

O apoio aos utilizadores das bibliotecas universitárias do XXI, em tempo de crise, como a que a pandemia COVID-19 gerou, depende, em Portugal e no mundo, de algo fundamental, que é poder garantir aos seus utilizadores, o acesso a uma boa coleção digital de periódicos eletrónicos e bases de dados de referência nas suas áreas de especialidade, que complete as bases de dados de literatura em Open Access gratuitas que já circulam com credibilidade científica na Internet sob a forma de repositórios científicos institucionais.

No dia em que a biblioteca física encerra, as necessidades de investigação e de informação dos utilizadores têm continuidade e devem ser satisfeitas, so-

bretudo na área da saúde, em que por vezes a leitura de um artigo pode tirar dúvidas fundamentais para resolver um problema de saúde. E salvar vidas.

Em tempo de incertezas e de pandemia, o apoio à decisão que o bibliotecário da saúde presta na pesquisa e recolha de artigos, no contacto com outras bibliotecas congêneres para intercâmbio de informação ou o apoio na informação ao cidadão e aos pacientes, através da divulgação de informação credível e no combate à desinformação que circula nas redes sociais, são alguns dos pilares fundamentais da sua atuação.

A pandemia COVID-19 apanhou todos de surpresa e também muitas bibliotecas que não estavam apetrechadas com coleções digitais, que lhes permitissem suprir com autonomia as necessidades de investigação dos seus utilizadores. Numa medida extraordinária e inédita as principais editoras mundiais decidiram abrir em livre acesso às universidades, as suas coleções relacionadas com COVID-19, facilitando assim aos bibliotecários as pesquisas e o acesso aos artigos científicos que podem agora chegar a todos os investigadores e contribuir para mais rápidas tomadas de decisão na investigação, em busca de uma vacina.

O interface com os utilizadores institucionais, passou a ser o chat, o email, o zoom para tirar dúvidas, fazer pedidos de documentação e empréstimos interbibliotecas, bem como assistir às sessões de formação ministradas pela biblioteca, ou seja, o serviço de referência online, passou finalmente a ser utilizado em pleno pelos utilizadores de muitas bibliotecas que já o possuíam, mas que até aqui não o utilizavam, preferindo deslocar-se ao espaço físico, muitas vezes por falta de confiança digital em utilizar o serviço ou por preferir o contacto com o documento.

Com o teletrabalho em modo quase inteiramente dedicado ao digital, o bibliotecário deixou de ser visto a realizar atividades mais tradicionais e passou a assumir competências mais versáteis, integrando equipas multidisciplinares, na participação em revisões rápidas e sistemáticas de literatura e apoio ao desenvolvimento de áreas de informação temáticas especializadas relacionadas com SARS-CoV-2 e COVID-19. Neste domínio evidenciam-se por exemplo páginas na internet como a do GIDIF-RBM - Gruppo Italiano Documentalisti dell'industria Farmaceutica e degli Istituti di Ricerca Biomedica, [6] que perante o crescimento exponencial da literatura científica sobre COVID-19 dão o seu contributo para criação

de filtros e funções de pesquisa em diversas bases especializadas sempre em constante atualização (*PubMed, Embase, Scopus, Web of Science*) ou da equipa de bibliotecários de saúde da *Canadian Medical Association* (CMA) [7] ou ainda os Libguides da Universidade de Oxford [8] mencionando também a já tão conhecida plataforma de literatura científica LitCOVID que tem por base de suporte a US National Library of Medicine [9].

O desempenho das associações e organismos internacionais e nacionais de bibliotecários como a IFLA [10], a LIBER, [11] a DGLAB [12] ou a BAD [13] foram também fundamentais para apoiar na elaboração de normas e orientações específicas que constituíram linhas de atuação para as bibliotecas conseguirem dar resposta imediata às necessidades de informação em cada um dos sectores de atividade que servem: públicas, universitárias, administração central e reestruturarem os seus serviços de acordo com orientações e medidas de segurança face à COVID-19. Também agora no retorno pós confinamento, estas associações mantêm a sua atuação e orientações que visam unificar todo o sector com recomendações relevantes de modo a proteger e tornar seguros os espaços das bibliotecas e os seus utilizadores.

Este tempo também é propício às equipas, para organizarem internamente procedimentos de trabalho, inquéritos e estatísticas, validarem e corrigirem erros nos sistemas e plataformas de gestão bibliográfica, bases de dados e repositórios, atualizarem catálogos, fazerem pesquisa seletiva de informação e darem continuidade a trabalhos de digitalização de espécies documentais produzindo documentos terciários.

A biblioteca do Instituto de Higiene e Medicina Tropical dedicou o período em teletrabalho a dar prossecução às atividades de apoio à decisão institucional e de apoio ao utilizador, através de diversas ações à distância, desde pesquisa seletiva de informação, satisfação de pedidos EIB em formato digital e pesquisa temática COVID-19 (mais de 3.000 artigos pesquisados diariamente) e à formação de utilizadores. Realizaram-se igualmente atividades de manutenção, atualização e validação nas plataformas e sistemas de gestão bibliográfica, bases de dados, repositórios científicos, como o PURE e o repositório científico RUN/IHMT bem como resposta a inquéritos internos e externos. As reuniões e grupos de trabalho funcionaram à distância, nomeadamente o grupo de trabalho dos bibliotecários de ensino

superior e em plena época COVID-19, organizou-se em maio de 2020 o 2º Workshop das Bibliotecas de Ensino Superior online, com o tema “Novos espaços e estratégias para a aprendizagem, fluência digital e experimentação” (que teve como convidada virtual Jenny Wong-Welch, Academic librarian no Departamento de Research, Instruction, and Outreach na San Diego State University). Publicaram-se ainda as recomendações 2020-22 para as bibliotecas de ensino superior de Portugal [14]. Na área do museu que se articula com a biblioteca, deu-se continuidade aos trabalhos de preparação dos objetos museológicos para futura apresentação no museu virtual e realizaram-se três exposições virtuais. Ainda na biblioteca, dedicou-se tempo para a expansão do projeto MedTrop – diretório de medicina tropical, que numa primeira fase está a proceder ao levantamento da produção científica dos investigadores na área da medicina tropical e saúde pública internacional nos Anais IHMT e separatas do Instituto e a tratar e digitalizar a informação histórica de modo a poder incluí-la no catálogo bibliográfico e no repositório científico.

Durante o período de teletrabalho, foram realizados os índices remissivos dos Anais do IHMT (ver anexos [A1](#); [A2](#); [A3](#) e [A4](#)) com intenção de se proceder à recolha de dados completa para catálogo desde 1905 até à atualidade. Do trabalho realizado concretizámos i) a recolha completa dos registos para catálogo relativa à Série I : Arquivos de higiene e patologia exóticas : Índice remissivo 1905-1926 ii) Recolha completa dos registos para catálogo relativa à Série III : Anais da Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical : Índice remissivo 1967-1972 iii) Em execução: a recolha de registos analíticos para catálogo, relativos ao 3º trimestre de 1953 até ao início do 3.º trimestre de 1960 assim como dos anos de 1964 a 1966 da Série II: Anais do Instituto de Medicina Tropical : Índice remissivo 1943-1966, bem como os relativos aos Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical nos anos de 2012 e 2017 que se encontram parcialmente tratados.

Ser bibliotecário em tempo de COVID-19: uma proposta de atuação

Ser bibliotecário em tempo de COVID-19 pode ser também uma oportunidade de agir com inovação, colocando as competências de literacia digital e de

comunicação ao serviço da população.

A pandemia e o isolamento social conduziram à redução das consultas hospitalares e nos centros de saúde e também a muitas desistências por parte dos utentes por receio de contraírem o vírus.

Em alguns casos, as consultas foram substituídas por teleconsultas e os casos de telemedicina começaram a aumentar timidamente ao mesmo tempo que se avançava com a prescrição eletrónica de medicamentos.

Porém, em Portugal, muitos são ainda os indivíduos e não só na camada mais idosa populacional, que não têm competências digitais para realizarem as consultas ou mesmo não possuem os equipamentos informáticos necessários.

As bibliotecas municipais, disponibilizam presentemente os serviços bibliomóveis que percorrem o território nacional, alcançando populações remotas de aldeias e vilas interiores que visitam com assiduidade. Possuem equipamentos tecnológicos que permitem fazer ligações em videochamada e computadores com ligação à Internet, pelo que estes bibliotecários com a devida formação e em parceria com as equipas médicas e bibliotecas de saúde, poderão funcionar como o interface entre médico e paciente, numa consulta de telemedicina, fornecendo no bibliomóvel, quer o equipamento necessário, quer ajudando os pacientes a procederem à ligação com o médico no apoio digital e informático e, em tempo de COVID-19 evitar a deslocação desnecessária ao hospital ou consultório.

Conclusão

As bibliotecas, um pouco por todo o mundo, estão empenhadas em continuar a fornecer informação e documentação aos seus utilizadores, seja em tempo de crise, como o pandémico em que se vive, seja em tempo comum, pois essa é a sua missão primordial, trabalhando arduamente para que em modo digital e remotamente, as coleções e serviços cheguem a quem delas necessita e sobretudo apoiem no ensino e na investigação e em muitos casos, contribuam

para mitigar a crise pandémica e para combater a desinformação que tem aumentado exponencialmente, fruto da sociedade de informação em que vivemos e onde o isolamento social não conseguiu ainda corrigir o boato e as notícias não científicas e causadoras de pânico e incerteza.

Tem havido empenho e colaboração por parte de editores e autores nas questões de direitos autorais, para que a boa informação científica e o acesso a livros eletrónicos, possa mais facilmente circular em tempo de isolamento e para que as bibliotecas possam proceder ao seu empréstimo digital. Seria importante a nível governamental uma realocação de verbas orçamentais para reforço de conteúdos eletrónicos nas escolas e universidades, para digitalização de fundos históricos e para aquisição de sistemas gestão bibliográfico de modo a que o conhecimento possa fluir mais facilmente entre biblioteca e utilizador.

Ser bibliotecário em tempo de COVID-19 continua a ser o mesmo desafio de sempre ou não fosse o combate à desinformação e o apoio à decisão a principal competência da profissão. Reajustar e adaptar, é outra faceta desta profissão que vive a literacia como uma paixão e em constante luta por orçamentos que permitam oferecer coleções atualizadas e melhores serviços em plataformas tecnológicas, que com maior rapidez e eficácia possam ir de encontro ao perfil dos seus utilizadores e demonstrar que o conhecimento, deve ser e pode ser de todos e para todos.

Ser bibliotecário em tempo de COVID-19 e em tempo comum, é em todas as horas prestar serviço público, onde e quando o cidadão mais precisar, e por isso o espaço desmaterializa-se para dar lugar à dimensão do conhecimento que tem de chegar onde é preciso.

Agradecimento

Ao Dr. Luis Gomes Tavira (Biblioteca/CGIC_IHMT) – Pelo seu contributo nos **índices remissivos** dos Anais do IHMT em período de teletrabalho.

Bibliografia

1. Short KR, Kedzierska K, van de Sandt CE. Back to the future: lessons learned from the 1918 influenza pandemic. *Front Cell Infect Microbiol.* 2018; 8:343. doi:10.3389/fcimb.2018.00343
2. Portugal. UNRIC. Guia sobre Desenvolvimento Sustentável. 17 objetivos para transformar o nosso mundo. Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável. SI: Centro de Informação Regional das Nações Unidas para a Europa Ocidental, 2016. Disponível em https://www.instituto-camoes.pt/images/ods_2edicao_web_pages.pdf (acedido em 18 de setembro de 2020).
3. Andersen K G, Rambaut A, Lipkin W I, Holmes E C, Garry R F. The proximal origin of SARS-CoV-2. *Nature Medicine.* 2020. 26(4): 450–452. doi: 10.1038/s41591-020-0820-
4. Tedros A. WHO Director-General's Opening Remarks at the Media Briefing on COVID-19. 13 April 2020. <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19--13-april-2020>
5. Beaunoyer E, Dupéré S, Guitton, M. J. COVID-19 and digital inequalities: Reciprocal impacts and mitigation strategies. *Computers in Human Behavior.* May 2020, 111:1-9 <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106424>.
6. Gruppo Italiano Documentalisti dell'industria Farmaceutica e degli Istituti di Ricerca Biomedica. [homepage na internet]. COVID-19: la ricerca nei database e le risorse open degli editori. [acesso em 20 de setembro]. Disponível em : <https://gjidf-rbm.org/2020/03/19/covid-19-la-ricerca-nei-database-e-le-risorse-open-degli-editori/>
7. Canadian Medical Association. Boldly by Joule. [homepage na internet]. Ask a Librarian: COVID-19 (updated regularly). [acesso em 20 de setembro]. Disponível em: https://boldly.joulema.ca/home/ask-a-librarian-covid-19?_ga=2.9280629.1574759914.1600629115-13819515.1600629115
8. University of Oxford Bodleian Libraries. Oxford LibGuides. [homepage na internet]. COVID-19 information resources for the OUIH: Home. [acesso em 20 de setembro]. Disponível em: <https://libguides.bodleian.ox.ac.uk/COVID-19>
9. Chen Q, Allot A, Lu Z. Keep up with the latest coronavirus research. *Nature.* 2020;579(7798):193. [acesso em 20 de setembro]. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/research/coronavirus/>
10. International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA). [homepage na internet]. COVID-19 and the Global Library Field. [acesso em 20 de setembro]. Disponível em: <https://www.ifla.org/covid-19-and-libraries>
11. Ligue des bibliothèques européennes de recherche (LIBER). [homepage na internet]. Research Under Pressure: Impact of Covid-19 Through A Librarian's Eyes. [acesso em 20 de setembro]. Disponível em: <https://libereurope.eu/blog/2020/07/17/research-under-pressure-impact-of-covid-19-through-a-librarians-eyes/>
12. Portugal. Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas. [homepage na internet]. Orientações para as Bibliotecas Públicas sobre o Manuseamento de Documentos face à Pandemia de Covid-19. [acesso em 20 de setembro]. Disponível em: <http://bibliotecas.dglab.gov.pt/pt/noticias/Paginas/orientacoesdocumentos-covid19.aspx>
13. Portugal. Associação portuguesa de bibliotecários, arquivistas, profissionais da informação e documentação. [homepage na internet]. Tomada de Posição: Arquivos e Bibliotecas durante a pandemia de Covid-19. [acesso em 20 de setembro]. Disponível em: <https://www.bad.pt/noticia/2020/05/02/tomada-de-posicao-arquivos-e-bibliotecas-durante-a-pandemia-de-covid-19/>
14. Príncipe P, Silva D, Sanches T, Lopes S, Pereira AA, Lopes C, Luz M, Carvalho C, Vargues M, Saraiva P, ... Correia MA. Recomendações para as Bibliotecas do Ensino Superior de Portugal 2020-2022 (Version 1). 2020 (May,25) Zenodo. <http://doi.org/10.5281/zenodo.3841363>